

Intelectuais, ideias e instituição em cenário periférico:
o Centro Cultural Euclides da Cunha, Ponta Grossa, 1948-1985
(notas de pesquisa)

ERIVAN CASSIANO KARVAT^{*}
CAROLINE A. GUEBERT^{**}

I.

O Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC) foi fundado em Ponta Grossa em 6 de maio de 1948 e permaneceu em atividade até 1985. Seu fundador foi o professor Faris Antonio Salomão Michaelé, aparentemente a principal figura da instituição – que presidiu até seu falecimento em 1977, sendo, então, substituído por Clyceu de Macedo que seria presidente¹ até a desativação. A agremiação era formalmente instituída, ou seja, possuía personalidade jurídica. O rico acervo documental (doado em 1997) e bibliográfico deixado pelo Centro se encontra atualmente no Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – foi doado no final da década de 1990 pela viúva Michaelé, em conformidade ao estabelecido no próprio estatuto do CCEC – de setembro de 1948 – que previa, em caso de desativação do Centro, que sua biblioteca fosse repassada a uma instituição cultural². Como consequência, pois, o CCEC e seu acervo do CCEC passam a se constituir em objeto de pesquisas acadêmicas a partir já do final daquela década.

Assim, se o desenvolvimento da literatura, das ciências e artes aparece como um dos fins primordiais do grupo, da mesma forma, intercâmbio cultural com outros

^{*} Prof. Dr. DEHIS/PPGH – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A produção deste texto e sua apresentação contou com recursos da Fundação Araucária/UEPG.

^{**} PIBIC/PROPEP – DEHIS/UEPG.

¹ “Faris viu seu nome aclamado, a cada quatro anos, quando se renovava a diretoria. O Estatuto normatizava a sucessão através de processo eleitoral. No entanto, em todas as ocasiões houve apenas uma chapa inscrita o que eliminava o sufrágio. Alguns nomes integraram quase todas as diretorias ocupando cargos distintos.” (DITZEL, 2001:214)

² “A biblioteca do CCEC foi formada através da aquisição e doações de outras instituições e de particulares, provenientes de variados pontos do Brasil e do estrangeiro, constituindo um acervo sempre atualizado, detentor de especial carinho e cuidado por parte dos integrantes (...) a partir da desativação do centro em 1985, no entanto, a referida biblioteca permaneceu fechada e abandonada na última sede do Centro Cultural, uma velha casa na principal avenida da cidade. Em dezembro de 1994, iniciou-se o trabalho de recuperação deste material bibliográfico que, em agosto de 1995, foi doado pelos sócios remanescentes ao Departamento de História da

intelectuais e congregações culturais do estado também era objetivo basal e, de fato, uma constante para o CCEC, percebida, sobretudo, nas contribuições ao seu jornal: o *Tapejara*. Em parte este contato pode ser explicado, conforme dito por Wanke (1999:134-135), porque na época era possível alcançar o seu público, especialmente o continental, com facilidade, “pois o correio não lhe saía caro, mesmo para o estrangeiro [...] com o resto dos países da América e com Espanha e Portugal [...] pagava o mesmo porte que a [correspondência] interna.”

Uma lista não oficial de sócio-correspondentes do grupo pontagrossense, retirada da biografia feita por Wanke (1999), mostra-nos nomes como: Leonor Castelhana (presidente do Centro de Letras do PR)³; Luiz Carlos Pereira Tourinho (presidente do IHG Paranaense); Valfrido Piloto (escritor e jornalista paranaense); Cândido Mariano Rondon; Carlos Fouquet (membro do Instituto Hans Staden - SP); Cláudio de Souza, escritor (foi presidente da Academia Brasileira de Letras); Érico Veríssimo (então diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana em Washington); Fernando de Azevedo (professor, crítico literário, sociólogo da USP) e Sérgio Buarque de Holanda (jornalista e historiador), que, entre muitos outros, compunham o quadro.

As figuras integrantes do CCEC de Ponta Grossa – com uma sociedade marcada, por um lado, por tons significativos de conservadorismos/tradicionalismo e, de outro, assolada por um contexto com tendências modernizadoras – devem ser vistas como representativos de posições pertinentes do espaço social, congregando professores, jornalistas, artistas, comerciantes, juristas, etnógrafos, filólogos, engenheiros, médicos, historiadores, radialistas, poetas, geógrafos, economistas, vereadores, desembargadores e, entre outros, militares. Os *euclidianos* promoviam, além de suas reuniões mensais, palestras e cursos que eram tratados na sessão notas e notícias culturais – que contém o nome do organizador do evento, do palestrante e de autoridades presentes. Da mesma maneira, ao promover eventos culturais como a *Semana Euclidiana* – toda segunda semana de agosto – ou mesmo comemorações relacionadas ao folclore, dia do Índio, dia Pan-Americano e dias de importantes literatos, parecem interessados em atrair os pontagrossenses *comuns*, isto é, de

UEPG” (DITZEL, 1998:96).

³ Esta é uma *euclidiana*. Conforme apura Ditzel (1998), mulheres só entram no CCEC em 1957 e aparecem como figuras secundárias, em menor número, ocupando inicialmente apenas 2 cargos e de menor importância. Segundo a autora a primeira euclidiana pontagrossense de destaque aparece em 1968, a professora Arlahy Meira e Silva, que assume cargo de diretora da biblioteca do CCEC.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

fora do campo intelectual, para as questões referentes à literatura, à identidade e à história, incitando o hábito e o apego por elas.

É preciso lembrar que ao se espalhar pelo Brasil, o *euclidianismo* adquiriu novas cores e ampliou suas finalidades com a adesão de intelectuais das mais variadas tendências e credos, como observa Ditzel (1998).

Assim, inspirados na figura de Euclides da Cunha e sua obra, buscavam compreender e explicar o povo brasileiro, como se responsáveis pela divulgação e continuação do trabalho do autor de *Os Sertões*; o centro objetivava, desde o primeiro número de seu *Tapejara*, destacar o caldeamento de raças nas raízes do brasileiro, principalmente as indígenas, mas também a influência do português e em última instância, do negro. Não só abordavam problemas neste sentido, como debatem nas publicações, temas então atuais, como a eleição de Getúlio Vargas em 1950, considerada a mais honesta até então; a conjectura econômica da época, uma economia de guerra e seus problemas devido à guerra fria; a construção de Brasília em 1960 – inclusive Juscelino Kubitschek era considerado o presidente dos euclidianos – que demonstram-se cativados por seu plano de metas modernizador e pelo desenvolvimento do planalto central (DITZEL, 1998).

Portanto, ao falar da ação intelectual deste grupo, o livro, a memória e a leitura, tornam-se, agentes primordiais. Nas observações de Lopes e Denipoti (2010), o papel da palavra impressa na sociedade e a relação de uma com a outra, acabam sendo a razão de ser do Centro Cultural Euclides da Cunha e instituições semelhantes a ele. Os autores se referem ao centro como “O Seleccionado Sodalício”, isto é, sociedade de pessoas em comum, um contubérnio, já que eles possuem um universo com elementos próprios, cujo o livro, a leitura e o conhecimento adquirido através deles são a base.

Estes intelectuais por vezes nasciam no interior e dali raramente saíam. Através da agremiação cultural buscavam construir uma imagem de nação unificada e por outro lado, dar destaque ao regional. Eram autodidatas durante a maioria do tempo e portadores de uma cultura erudita, tinham de especializar-se através de seu esforço pessoal em diversos campos da cultura, por isto é comum os euclidianos pontagrossenses aparecerem como integrantes de diversos círculos de cultura, em muitos deles apenas como sócio-correspondente. Em geral, escreviam na imprensa local e regional e tinham dificuldade para publicar suas obras, por isto a relevância do *Tapejara* num círculo deste. Autodidatas, viraram professores, historiadores e jornalistas além de suas profissões. Além disso, eles se viam

como “responsáveis pela preservação, produção, disseminação da cultura no interior do país.” (DITZEL, 1998:94).

Os idealizadores do jornal *Tapejara*, sendo Faris apontado como o principal deles⁴, projetam edições trimestrais, porém durante seus 26 anos de tiragem, houve apenas 24 números. A primeira publicação data de três de setembro de 1950, um ano muito ativo para o CCEC (que completava mais de 2 anos de atuação) e para a cidade, cuja Faculdade de Filosofia começa a dar seus passos; ano em que comemora-se pela primeira vez a Semana Euclidiana em Ponta Grossa e que é inaugurado, como uma dependência do CCEC, o Museu Campos Gerais (no dia 15 de setembro – aniversário da cidade). O teor das palestras da grande semana comemorativa, destacadas ao público através da Rádio⁵, foi praticamente o corpus do primeiro *Tapejara*. Sendo que o segundo foi publicado já em dezembro de 1950, porém a partir de 1952 passam a suceder a cada quatro meses, em 1955, seis e então oito meses, a partir de 1957, torna-se praticamente uma publicação anual, sendo que as três últimas se dão com intervalos de dez anos e por último seis anos.

“O jornal era distribuído de forma gratuita no Brasil, na América e para algumas outras associações culturais presentes na Europa” (BOMBARDELLI, 2008:26). Na parte superior e a esquerda da primeira página de cada número do jornal há impressa a seguinte disposição: “Órgão do Centro Cultural Euclides da Cunha”, como se atestasse que é independente. Há em sua última edição uma passagem que diz “*Tapejara* se destina ao intercâmbio intelectual, por isso, não pode ser vendido, nem aceita reclames comerciais.” (*tapejara* nº 24, p. 08). O importante aparentemente era a difusão das ideias do CCEC através da liberdade e de exemplares em número suficiente para este enviar para onde e para quem quisesse.

A instituição recebia algumas subvenções dos governos – assim Wanke (1999), atenta-nos, até porque a agremiação possuía correspondentes, amigos e sócios ou mesmo admiradores da iniciativa neste meio, logo: “Evidente era a ligação daqueles intelectuais com

⁴ Além de Faris, a equipe do jornal até sua 22ª edição, formava-se por Daily Luiz Wambier, secretário e João Alves Pereira, gerente, além de diversos redatores, estes com o passar dos anos aumentaram. Nas duas últimas edições (23 e 24) os secretários responsáveis são respectivamente: Gilson Monteiro Cordeiro e Guaraci Paraná Vieira, sendo que não há mais um cargo de gerente, provavelmente realizado também por Faris.

⁵ “[...] a Semana [Euclidiana] era lembrada através de palestras na Rádio Clube Pontagrossense (PRJ-2) [a maior rádio local da época].” (Wanke, p. 136). Aliás, este veículo de comunicação foi muito utilizado pelo CCEC, era uma ferramenta útil e abrangente no sentido de difundir os ideais euclidianos de forma mais ampla.

o poder político, principalmente o local⁶.” (BOMBARDELLI, 2008: 29). Mas segundo Wanke (1999) tais subvenções eram minguentes ao tanto de prioridades, e que o CCEC andava sempre com problema de caixa. Por diversas vezes teria sido Faris, enquanto redator-chefe e diretor do jornal, que teve de pagar do bolso ou ao menos complementar a edição do *Tapejara*, porque como já foi dito, para o periódico aceitava-se apenas ajuda e não assistências comerciais. O autor afirma ainda que o formato e o papel de impressão mais baratos na época eram o do jornal, por este motivo foram escolhidos para dar vida aquela produção intelectual, que no meio de uma série de limitações, tinha seu trabalho impresso por uma gráfica⁷, que quando vendida, concomitantemente a impressão ficou dificultada.

Aquelas pessoas visivelmente eram envolvidas com o processo de produção, criação e divulgação desta palavra impressa, segundo Lopes e Denipoti (2010:379) tal envolvimento era uma espécie de chave para o reconhecimento naquela sociedade. Faris “mandava seu jornal *Tapejara* não apenas para os intelectuais, os professores universitários do Brasil inteiro e das Américas, como também estrategicamente para as autoridades.” (Wanke, p. 09). Pode-se assim construir o espaço social do *Tapejara* nas diferentes redes demarcadas pelas práticas sociais de cooptação. Enfim, “o trabalho da escrita cria, assim, um universo saturado de detalhes significativos e, por isso, mais significante que o natural, como o testemunha a abundância dos indícios pertinentes que fornece à análise.” (BOURDIEU, 1996:19)

II.

Ao longo da trajetória de *O Tapejara*, entre 1950 e 1976, percebe-se, em diferentes artigos, discussões, representações e discursos acerca das questões da identidade e da região. Voltar-se, assim, ao CCEC e o seu veículo de circulação de ideias, nos faz recorrer aos problemas característicos que interessam a uma *História Intelectual*, principalmente no que toca às questões referentes as relações entre os integrantes do Instituto – aqui tomados como *intelectuais* e a própria instituição da qual faziam parte. Como nos lembra Carlos Altamirano, o discurso do *intelectual* é enunciado “a partir de uma posição de verdade” (2005:20), notabilizando-se, logo, como

⁶ Algumas figuras importantes da região são constantemente enaltecidas, como Pedro Novaes – prefeito de Castro; Inácio dos Santos –capitão do mato do então bairro de PG, sargento-mor Miguel da Rocha Ferreira Carvalhaes, tenente Domingos Ferreira Lobo, entre outros.

⁷ “O jornal, durante a maior parte de sua existência, foi impresso nas oficinas da Livraria e Gráfica Montes & Pereira.” (Wanke, p. 136) E nos últimos anos pela Gráfica Planeta.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

fala autorizada, atrelada a um espaço (institucional) de legitimação e produção deste discurso. Assim, trafega-se desde as chamadas cartografias dos intelectuais a uma hermenêutica da obra, perpassando temas como a formação do campo intelectual, as configurações intelectuais, a institucionalização do próprio intelectual e das carreiras intelectuais. Espaço, portanto, privilegiado de discussão acerca da articulação entre o discurso competente e o *lugar* que o autoriza, lhe legitima e o faz circular.

O intelectual deve ser tomado em sua vinculação à uma comunidade interpretativa parece-nos propiciar, ao menos em parte, a prevenção aos equívocos destas abordagens nomeadas acima. Através dessa relação de pertencimento, portanto, institucional, cremos nos aproximar de uma relação que é, antes de tudo, cultural, posto que é social e histórica, e por isto política. Logo, eis aí, o(s) conectivo(s) das vinculações entre Intelectuais e Instituições. Assim, o intelectual - sempre circunscrito social e historicamente e pensado a partir da sua vinculação ou pertencimento - se nos apresenta, além de produtor de ideias, como receptor (ou intermediador). Daí se abrem, por exemplo, as ênfases sobre o emprego das noções de itinerário (ou trajetória), geração e sociabilidade apontados por Sirinelli e que sugerem efetivas possibilidades de aproximação ao tema e de análise (Sirinelli, 1996:245). Da mesma maneira, cabe lembrar que se os intelectuais se apresentam sujeitos a uma comunidade (instituição) que os circunscreve, esta mesma comunidade é por eles mesmos definida. Agentes portadores de instrumentos simbólicos, a relação Intelectuais e Instituições pode também ser, assim, avaliada segundo o conceito de campo – donde campo intelectual – sugerida por Pierre Bourdieu e que supõe relações de interação e tensão (Bourdieu, 1996: 208) bem como um sistema de posições, seja entre os agentes, seja entre os grupos (Bourdieu, 1987:208). Em relação à veiculação das ideias, percebe-se que as revistas de circulação periódica – aqui entendidas como *instâncias intelectuais autorizadas* – se constituem em foco prioritário de análise da pesquisa, voltadas às configurações do campo intelectual, considerando que o intelectual se notabiliza ao tornar públicas suas opiniões e envolver-se nas polêmicas do seu tempo. A autoridade que tal veículo representa advém do fato de permitir a divulgação das ideias e, claro, possibilitando “reconhecimento” e legitimando tomadas de posição. Em outros termos, entendemos que é necessário salientar a importância do periódico na medida em que avaliação e aceitação das ideias pela comunidade (*de pares*, principalmente) confere consagração, conferindo, também, autoridade. Enfim, as condições para a configuração de uma “elite intelectual” – ainda que “local” – parece se constituir a partir da consolidação de trajetórias vinculada aos grupos que produzem bens culturais e

utilizam o crescimento do mercado editorial para ampliação da demanda deste tipo de produção cultural e científica. Assim, as revistas foram (e são) fundamentais na constituição da própria esfera cultural pública e se apresentam como uma fonte importante para análise por se tornarem documentos de domínio público e são documentos que podem indicar as mudanças de posições e estratégias e, também, as mudanças institucionais – no caso particular do CCEC e do seu *Tapejara*, pode evidenciar as possibilidades de *apropriação* das ideias e sua circulação (num meio *periférico* ou *provinciano*). Tendo como premissa que o(s) periódico(s) tem como função divulgar informações científicas ou experiências políticas e/ou profissionais, entre outras, aceitamos a assertiva recorrente de que os mesmos se distinguem de outras fontes de divulgação por registrar conhecimentos acerca de determinados saberes e divulgar a informação, reconhecida como legítima ao seu público.

Curiosa, mas não fortuitamente, o Centro Cultura Euclides da Cunha, fundado em 1948 e que encerraria suas atividades em 1985, parece ter tido seu período mais ativo nos 1950⁸. Neste sentido, tanto o seu ano de fundação – às vésperas daquela que seria sua década de sua maior atividade – bem como, e principalmente, a própria década de 50, possibilitam levantar questões referentes às mudanças determinantes no campo intelectual brasileiro. Tais transformações permitem problematizar o “lugar” de nosso objeto (o Centro e seus integrantes), apontando para um jogo de imbricações entre o local e o nacional, o recorrentemente saudado e/ou *lembrável* e o esquecido, o consagrado e o periférico. Principalmente, permite que lembremos a(s) dinâmica(s) de constituição de tais referências, num movimento que acompanha a própria (re)definição do campo acima aludido.

Assim, se cabe lembrar, com BOURDIEU (1987), que o campo intelectual – e determinados estados de sua estrutura – é definido, fundamentalmente, por um sistema de relações e que, como tal, pressupõe também relações de hierarquia e poder e posições políticas, aponta-se a intenção de desdobramento futuro dessas Notas de Pesquisa, no sentido de buscar o entendimento dessas imbricações, focando a relação – problemática – do intelectual regional (VILHENA, 1996) com os centros de produção/circulação/divulgação e, por extensão, as mecânicas de produção de consagração e de esquecimento.

⁸ É o que se constata, p. ex., no volume de correspondências recebidas pelo Centro. Cf. GOMES, 1997:87. As correspondências foram motivo de pesquisa de LOPES e DENIPOTI, 2010.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

REFERÊNCIAS

ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

BOMBARDELLI, Juliana. *O Tapejara: Os Euclidianos e o discurso da neutralidade (1959-1976)*. Monografia – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Campo do poder e habitus de classe. In. *A economia das trocas simbólicas*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

DITZEL, C. de H. M. O arraial do Pitangui: o Centro Cultural Euclides da Cunha de Ponta Grossa. In: ____; SAHR, Cicilian Luiza Löwen (orgs.). *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*. Ponta Grossa: UEPG, 2001, p. 211-227.

____. *O arraial e o fogo da cultura: os euclidianos pontagrossenses*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 1998.

GOMES, J. M. L. de O. *Instrumento de pesquisa para a história de Ponta Grossa: acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha*. Ponta Grossa: UEPG (Monografia de Especialização), 1997.

LOPES, I. C.; DENIPOTI, C. Entusiastas da cultura: o universo do livro e suas representações nas cartas do Centro Cultural Euclides da Cunha. *História*, vol.29, n.1, p.368-393, mar. 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In. Rémond, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.

VILHENA, L. R. Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das ciências sociais nos anos 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 32, out. 1996.

WANKE, Eno Theodoro. *Faris Michaele, o Tapejara: Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Plaquette. 1999.